

Artigo do Ministro dos Negócios Estrangeiros Mevlüt Çavuşoğlu intitulado “A nossa preferência no Mediterrâneo Oriental é Diplomacia sem condições prévias “ publicado no Kathimerini, 15 de Setembro de 2020

[Tradução informal para o idioma português do artigo original em inglês]

O Mediterrâneo sempre foi o berço da civilização, bem como uma bacia de constante interação cultural e económica. Nesta geografia, o nosso passado, presente e futuro estão inextricavelmente interligados. A Turquia e a Grécia sempre tiveram apenas duas escolhas: medir forças de uma forma que nos magoa a ambos ou encontrar uma fórmula vantajosa para definir um caminho mutuamente benéfico a seguir.

A lógica do "vizinho permanente" implica naturalmente o respeito mútuo pelos direitos um do outro. Infelizmente, este não parece ser o caso para o que vivemos na Turquia nos dias de hoje.

Esse respeito mútuo, por sua vez, deve se manifestar num sentido de obrigação de resolver todas as questões pendentes ou conflitos pendentes por meios pacíficos e de diálogo. Num tal espírito, os vizinhos não procuram uma escalada, mas sim uma diplomacia direta e um diálogo de boa fé e com o objectivo de uma verdadeira resolução de conflitos.

Recentemente, governos como o da França estão a demonstrar um desejo imprudente por seu passado colonialista. Será que esquecemos tão rapidamente que o período colonial só trouxe enormes dores e sofrimentos para tantos povos?

O padrão de comportamento aceite pelos senhores metropolitanos que impõem sua vontade na periferia acabou. O nosso Presidente defende que o Mundo é Maior do que Cinco para exigir uma ordem internacional mais equitativa. Designamos a nossa política externa como Empreendedora e Humanitária para sublinhar os valores que queremos prevalecer e a nossa incansabilidade e criatividade em persegui-los, tudo ao serviço do ditado de Paz em Casa, Paz no Mundo formulado por Mustafa Kemal Atatürk, que foi nomeado por Elefhterios Venizelos para o Prémio Nobel da Paz. É por isso que sublinhamos o respeito mútuo e as soluções equitativas para os problemas.

É por isso que a Turquia apoia a iniciativa da OTAN de desconflito e a iniciativa da Alemanha para a desescalada com o objectivo final de reavivar os mecanismos bilaterais já estabelecidos entre a Turquia e a Grécia. Esperamos que Atenas compreenda que essas são duas coisas diferentes. A Turquia respeita suficientemente a Grécia para não querer negociar e acordar com outras partes sobre questões que devem ser resolvidas diretamente entre os dois vizinhos.

Os nossos objectivos básicos no Mediterrâneo Oriental são claros:

- delimitação justa e equitativa das fronteiras marítimas;
- protecção dos nossos direitos de soberania sobre a plataforma continental contra reivindicações maximalistas e excessivas de fronteiras marítimas;
- salvaguarda da igualdade de direitos dos cipriotas turcos sobre os recursos off-shore da ilha através do estabelecimento de um mecanismo equitativo de participação nos benefícios;

- criação de um mecanismo genuíno, inclusivo, justo e equitativo da cooperação no domínio da energia off-shore com a participação de todas as partes, incluindo os cipriotas turcos, (propostas para este fim continuam em cima da mesa) no Mediterrâneo Oriental.

Uma série de reivindicações maximalistas não pode ser imposta à Turquia através da UE, que não tem competência em matéria de delimitação de fronteiras marítimas. Não se pode cortar o acesso da Turquia ao alto mar e às suas próprias zonas marítimas reivindicando 40 mil quilómetros quadrados de plataforma continental para uma pequena ilha como Meis ou Kastellorizo que fica apenas a 2 quilómetros da Turquia e 580 da Grécia continental. Nenhuma lei, lógica ou um sentido de justiça elementar permitiria um argumento contrário.

Além disso, as tentativas de excluir um país como a Turquia - com a mais longa linha costeira relevante da região, uma população crescente, capacidade de produção, e suas crescentes necessidades energéticas - das riquezas na sua própria vizinhança também não são realistas. Como dissemos várias vezes - isso não vai acontecer.

Por conseguinte, a Turquia será naturalmente firme em não deixar tentativas de prejudicar os seus interesses fundamentais. Mantemos uma presença naval na região não para fins ofensivos, mas para autodefesa contra interferências nas nossas actividades de investigação sísmica dentro da nossa própria plataforma continental (que foi declarada de acordo com o direito internacional há já 16 anos, a propósito!).

O diálogo e as negociações são de facto o primeiro e principal meio no direito internacional para abordar questões de fronteiras marítimas. Esperamos assim que a Grécia reavive todos os canais de diálogo com a Turquia sem quaisquer condições prévias. As pré-condições geram contra-condições (acreditem-me, poderíamos criar algumas das nossas próprias) e, portanto, não é uma boa forma de procurar inciar conversações entre dois vizinhos.

Cada crise pode criar uma oportunidade e devemos aproveitá-la para avançar pacificamente. É evidente que qualquer processo de negociação deve incluir um exercício de dar e receber. A alternativa é varrer os problemas para debaixo do tapete e esperar que eles desapareçam ou que outra pessoa os resolva. Contudo, os problemas tendem a tornar-se cada vez mais complicados à medida que o tempo passa, quanto mais a desaparecerem por si próprios. Precisamos de uma liderança forte, eficaz e racional a fim de transmitir paz e segurança às gerações futuras. Isso existe no lado turco. O que fazemos hoje definirá não só hoje mas também amanhã e sabe muito bem que a Turquia pode seguir o caminho que a Grécia escolher. De facto, a escolha não é a da Turquia, nem da França, nem de mais ninguém, mas sim dos estimados líderes e do povo da Grécia.